

AS FÁBULAS DE LA FONTAINE

(Sôbre o livro de Martinz de Aguiar "Notas de Português de Filinto a Odorico" — Edição Simões — Rio.)

HENRIQUE GONZALEZ

Se conhecemos a fábula nos seus mínimos detalhes, devemos-lo, sem dúvida, a La Fontaine, Jean La Fontaine, que nasceu na Champagne, em 1621, e morreu em Paris, em 1697. Ele soube fazer os animais falar com a característica peculiar a cada um, e deu-lhes vida, uma vida que não é muito forçada, porque encanta na sua simplicidade. Foi, portanto, um fabulista que atravessou o tempo, mais de duzentos anos, sempre nôvo e sempre agradável.

Há muitas traduções para a língua portugüesa das fábulas: de Bocage, de Curvo Semedo, Bulhão Pato, Gonçalves Crêspo, Abel Botelho, Gomes Leal, Jaime de Séguler, e outros.

O emérito professor Martinz de Aguiar, conhecendo a fundo a língua francesa, e mais ainda a portugüesa, como filólogo que é, escolheu as traduções de Filinto Elisio, por ser um árcade da maior amplitude como clássico da língua, e pôs-se a catar as pepitas do vernáculo, que o mestre português pôs na boca dos bichos de La Fontaine. Quis comprovar se há confirmação do prolóquio *Traduttore tradittore*.

E fez um livro cheio de vibração, um livro onde se revela o conhecimento profundo das duas línguas. Deu-lhe um título modesto: **Notas de Português de Filinto a Odorico**.

Odorico Mendes foi um homem que pontificou na **Atenas Brasileira**, a maior autoridade como tradutor, que verteu obras clássicas para o vernáculo. E corre até no Ceará que Catulo Mendès seja fruto do nosso Odorico Mendes, o que não deixa de ser curioso, pois esse Catulo cheira a Arcádia, a latim, a cultura...

Andou Odorico pelos *boulevards* de Paris, mas onde parece que mais vagou foi por Londres.

O culto da língua portugüesa foi o ponto máximo de ambos, Filinto e Odorico, motivo por que Martinz de Aguiar se apagou a esses grandes tradutores, para mostrar que a língua portugüesa é bela, bela com as suas palavras que se adaptam às necessidades da fala e da cousa que se quer expressar.

E veio esmiuçando, bateando naquele resto do terreno de aluvião, a palavra que coube na boca do bicho, para exprimir o pensamento. Era como se o animal falasse mesmo. Pouco lhe faltou para imitar Miguel Angelo no Moisés, quebrando o dedo da estátua com o camartelo, num entusiasmo incontido: — **parla!**

Martinz de Aguiar mediu a extensão de cada palavra, a sua propriedade na tradução, a sua matriz, a idéia que ela abrangia, articulou tudo com incrível habilidade, e quem mais do que ele podia fazê-lo, assim tão preciso e detalhado?

O seu livro se torna pois uma contribuição à cultura brasileira. Uma investigação nos domínios da língua.

Mais ainda porque derivou para um terreno franco e conhecido, que é o de La Fontaine, mestre de muitas gerações, como com aquela formiga sábia que, ao ser solicitada, pela cigarra, para que a provesses de uma migalha, pergunta-lhe o que fazia ela no verão:

— Cantava.

— Ah! — responde a formiga, muito senhora de si —, pois dance agora!

Depois que li o livro de Martinz de Aguiar, velho amigo do Ceará, me veio ter às mãos um belo estudo de um dominicano francês, intitulado *Une version syriaque des fables de Esope*. Firmin Didot & Cie, editôres.

Trata-se de estudo sobre oito manuscritos existentes em várias bibliotecas da Europa, curiosos alguns, apesar de que devem ser cópias, porque são em papel, existindo uns que são em pergaminho. Escritos em nestoriano, jacobita e árabe, são atribuídos a Flavius Josephus pelos sírios, desde tempo longínquo. Contesta-o, porém, um estudioso em 1725 — Joseph Simon Ansemani —, dizendo que a tradução do grego Aesopos é Yosipós, parecida com a de Josephus — Iosifos. No entanto, em que pese à erudição de Ansemani, Flavius Josephus escrevia também em grego, com que era familiarizado, e embora não se possa admiti-lo como o Esopo, bem pode ser o seu tradutor; isso, porque alguns manuscritos foram copiados em locais referidos por Josefo, no seu livro *A Guerra dos Judeus* — e destruição do templo e da cidade de Jerusalém (1).

Flavius Josefus declara:

... por tanto, eu, Josefo, filho de Matatias, hebreu de linhagem, sacerdote de Jerusalém, que a princípio lutei contra os romanos e, depois, sendo forçado, me achei em tudo quanto passou, hei determinado agora fazer saber em língua grega, a todos quantos reconhecerem o Império Romano, o mesmo que antes havia escrito para os bárbaros em língua da minha pátria (2).

— Que razões houve para a tradição de tantos séculos atribuir a Flávio Josefo as Fábulas de Esopo?

Para revelar essa antiguidade das fábulas, fábulas que o mundo inteiro conhece e que tiveram grande circulação entre árabes, judeus, sírios, nestorianos, vamos transcrever o que escreve o irmão dominicano Bruno Lefèvre, autor do livro *Une version syriaque des fables de Esope*:

Apresentamos aqui uma tradução literal duma fábula que foi achada no meio dos inúmeros blocos de argila exumados da Mesopotâmia, no curso dos últimos anos, ao qual demos o título de O Elefante e a Mósca:

(1) GUERRA DE LOS JUDIOS: DESTRUICCIÓN DEL TEMPLO Y CIUDAD DE JERUSALÉM — Tradução e prólogo por Ivan Martin Cardoso, Editorial Iberia, Barcelona.

(2) Livro citado, pág. 2.

Pousando uma môsca num elefante, a êle se dirigiu: Irmão! Se te hei molestado, no próximo bebedouro me afastarei!

O elefante responde: (3)

— Se tu pousaste em mim, eu nem me apercebi! Que carga és tu? Mesmo que tu te levantes, eu nada sentirei!

.....

Essas constatações nos levam a tirar de Esopo o título de Pai da Fábula e, de fato, ela não é tão velha como o mundo?

Que Esopo seja ou não o Pai de Fábula, não resta senão um gênero literário cultivado por todos sempre, e as fábulas vêm sob o seu nome, sendo objeto de numerosas traduções no Oriente. Mas não é só a essa divulgação que é limitado o seu renome; todos os países, com efeito, têm os seus fabulistas, porém o mais célebre ainda entre eles é o nosso La Fontaine.

Meu maior desejo seria que Martinz de Aguiar entrasse no domínio da história da Fábula de Esopo; para isso lhe chegará em tempo o livro do dominicano Bruno Lefèvre, que eu mesmo mandarei, não como presente grego, que aqui se diz de Grego, mas como regalo dum amigo para outro amigo.

Recife, 24-2-63.

(3) Pág. XXXIX.